



FACULDADE DE ILHÉUS



CESUPI

**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA**

A FLUIDEZ DA SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE NO SÉCULO XXI

**Ilhéus, Bahia
2020**



FACULDADE DE ILHÉUS



CESUPI

**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA**

BÁRBARA SANCHES SOARES

A FLUIDEZ DA SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE NO SÉCULO XXI

Monografia (Artigo Científico) entregue para acompanhamento como parte integrante das atividades de Monografia II do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus.

**Ilhéus, Bahia
2020**

A FLUIDEZ DA SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE NO SÉCULO XXI

BÁRBARA SANCHES SOARES

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Maria Conceição Almeida Vita - Mestre
Faculdade de Ilhéus - CESUPI
(Orientadora)

Prof. Alba Mendonça Alves - Mestre
Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Avaliador I)

Prof. Indira Vita Pessoa - Mestre
Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Avaliador II)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que essa etapa da minha jornada acadêmica se tornasse menos difícil.

Quero agradecer primeiramente a minha mãe Berta Sanches por sempre acompanhar de perto a minha trajetória e torcer pelo meu sucesso profissional.

Agradecer ao meu namorado Leonardo Soares por está comigo desde o começo da escolha da minha graduação me apoiando incondicionalmente.

Agradecer ao meu padrinho Márcio Almeida por me proporcionar a experiência de estar inserida no mundo acadêmico adquirindo conhecimentos da profissão que escolhi para a minha vida.

Agradecer a minha orientadora Maria Conceição Almeida Vita por ter me instruído da melhor forma possível. Obrigada pela atenção a mim concedida, por toda segurança transmitida, motivação e conhecimento proporcionados.

Agradecer aos meus amigos do coração Lucio Crosara e Maxuell Canaverde, que mesmo distantes se fizeram presentes em todo o momento com carinho e atenção.

Agradecer a minhas meninas Lavínia Braz, Bárbara Valiense, Luanny Alves e Grazielle Brito por fazerem parte desse processo comigo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
2.1	Um breve histórico sobre a sexualidade.....	8
2.2	Adolescência.....	11
2.3	Sexualidade fluida e seus significados dentro do comportamento erótico.....	15
2.4	Fluidez sexual e o adolescente do século XXI.....	18
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
4	REFERÊNCIAS.....	24

A FLUIDEZ DA SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE NO SÉCULO XXI

THE FLUIDITY OF ADOLESCENT SEXUALITY IN THE XXI CENTURY

Bárbara Sanches Soares¹; Maria Conceição Almeida Vita²

1. Discente do curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus-cesup, Ilhéus, BA, Brasil.
Email: barbara_sanches0132hotmail.com

2. Docente do curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus-cesup, Ilhéus, BA, Brasil.
Email: mcvita1@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise acerca do processo sócio-histórico da sexualidade na compreensão da relação com o que é entendido como fluidez da sexualidade adolescente no século XXI. A sexualidade é vivenciada de maneira muito particular por cada pessoa, sendo ela comum todas as fases do desenvolvimento humano, ainda que aqui vamos fazer um recorte de como isso se dá na adolescência. O eixo norteador dessa pesquisa está em buscar responder descrever a fluidez da sexualidade adolescente no século XXI. Como base foram utilizadas pesquisas bibliográficas e publicações dos últimos dez anos. Ao se fazer esse percurso, fica claro que nesse território de conflitos e interesses diversos e constantemente em mudança, foi sendo moldado por um processo histórico e social, alimentado pela ideia do rompimento dos padrões tradicionais e pela adoção de uma ideologia de liberdade sexual, direito sobre o corpo e reconhecimento das diversas orientações sexuais existentes, o que vão consolidar a então ideia estabelecida da sexualidade fluida, ou fluidez da sexualidade buscada na contemporaneidade.

Palavras-chave: erotismo; liquidez; púbere.

ABSTRACT This paper presents an analysis of the socio-historical process of sexuality in understanding the relationship with what is understood as the fluidity of adolescent sexuality in the 21st century. Sexuality is experienced in a very particular way by each person, with it being common to all stages of human development, although here we will outline how it happens in adolescence. The guiding axis of this research is to seek to answer the description of the fluidity of adolescent sexuality in the 21st century. As a basis, bibliographic research and publications from the last ten years were used. In making this journey, it is clear that in this territory of diverse and constantly changing interests, it was being shaped by a historical and social process, fueled by the idea of breaking traditional standards and by the adoption of an ideology of sexual freedom, law about the body and recognition of the various existing sexual orientations, which will consolidate the then established idea of fluid sexuality, or fluidity of the sexual sought in contemporary society.

Keywords: eroticism; liquidity; pubescent.

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade está diretamente relacionada com a particularidade e complexidade de quem a vivencia, sendo ela comum a todos os seres humanos, desde o nascimento até a morte. É responsável pela forma como nos sentimos atraídos sexualmente pelas outras pessoas e pelas experiências prazerosas no corpo, sendo ela fluída e mutável, se transformando ao longo das experiências da vida de cada indivíduo (MARTINS et al., 2012).

A adolescência é compreendida como umas das fases do desenvolvimento humano, sendo ela considerada um estágio de transição entre a infância e a vida adulta. Uma fase complexa que envolve fatores biológicos, psicológicos e sociais. Precedente à adolescência temos a puberdade, momento no qual ocorrem o surgimento das características sexuais secundárias biológicas que diferenciam os aspectos femininos dos masculinos. Neste momento de maturação sexual os adolescentes tendem a procurar parceiros sexuais que correspondam às suas expectativas (FERRIARE; SANTOS, 2011).

Atualmente, os adolescentes estão mais suscetíveis a experimentar uma sexualidade mais fluída, onde é possível se relacionar sexualmente com pessoas que possuem diferentes orientações sexuais, se permitindo viver diversas experiências de forma única. A sexualidade fluída faz com que os adolescentes fiquem livres de estereótipos sociais, por não se encaixarem em um padrão normativo, podendo se reinventar a cada dia dentro da sua própria liberdade sexual (ALBERTO, 2018).

A fluidez diz respeito sobre as relações que estão em constante processo de mudança devida à sua grande flexibilidade. Para Bauman (2001), é considerado fluido tudo que foge do padrão da inflexibilidade e rigidez, tudo que é leve por ausência de peso.

A partir disso, faz-se necessária a reflexão acerca do processo sócio-histórico da sexualidade para a compreensão da sua relação com a fluidez da sexualidade adolescente no século XXI. É diante destas considerações que o presente estudo possui como eixo norteador o seguinte questionamento: de que forma a diversidade sexual contribui para a fluidez da sexualidade adolescente no século XXI?

Como premissa a este questionamento, podemos dizer que um dos principais fatores que contribuem para que a sexualidade dos adolescentes da atualidade seja considerada fluida, se dá pela nova visão que a sociedade tem das práticas hétero e

homoeróticas. O conceito sai de sinônimo de promiscuidade e passa a ser um ato de liberdade, favorecendo para que os adolescentes possam alternar seu interesse sexual entre as mais variadas sexualidades existentes, que vão além do feminino e masculino, sem haver rotulações (MARTINS et al., 2012).

O presente estudo objetiva de maneira geral descrever a fluidez da sexualidade adolescente no século XXI. São também pretensões deste estudo: discutir sobre a visão da sexualidade em diversas épocas; caracterizar a adolescência e definir a “sexualidade fluida” na atualidade.

Para dar conta desses objetivos o trabalho foi desenvolvido seguindo os preceitos do estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica onde foram utilizados livros, artigos acadêmicos, monografias, sites. Artigos científicos sobre a temática os quais serão acessados nas bases de dados Scielo, Google Acadêmico, Sibiusp, Pepsic publicados nos últimos 10 anos. Monografias, dissertações e teses que auxiliem na melhor compreensão do tema de estudo serão acessadas no banco de dissertações e teses do portal periódico Capes.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A SEXUALIDADE

Para o filósofo Michel Foucault (1926-1984) a sexualidade está no corpo e no comportamento, se faz presente na história e é perceptível no tempo, sendo a sexualidade fruto de uma experiência cultural. A sexualidade é resultado da repressão e ao mesmo tempo da liberação e estimulação do sexo, não somente do sexo enquanto ato, mas da sexualidade enquanto declaração. A relação que a sociedade tem com as práticas sexuais está diretamente atrelada como os discursos a respeito da mesma, desta forma compreende-se que a sexualidade antes de tudo são experiências cujas raízes são históricas, sociais e culturais, muito mais do que biológicas (LEÓN, 2010).

Na Idade Antiga o sexo era visto como uma prática que deveria ser consumada apenas entre uma relação heterossexual e de preferência dentro de um matrimônio. As práticas sexuais que fugiam do padrão da normalidade imposta pela sociedade eram vistas como algo repugnante e pecaminoso. Mesmo havendo uma desaprovação nas atividades homossexuais, elas existiam. Essas práticas eram permitidas apenas para fins religiosos, como no caso da prostituição sagrada, onde atos sexuais eram oferecidos aos deuses. Esses rituais eram considerados divinos e não profanos (GUEDES, 2010).

A Idade Média do Ocidente foi o período onde a igreja teve a maior interferência na sexualidade das pessoas. Neste momento histórico, o sexo era visto como um ato negativo e que só poderia ser utilizado para a procriação dentro do casamento. Como uma forma de controlar os comportamentos homossexuais, a igreja pregava que aqueles que praticavam sexo por prazer da carne, iriam queimar nas chamas ardentes do inferno, sendo a sexualidade considerada propriedade do cristianismo (SEMEM; CARAMASCHI, 2017).

No entanto, a Idade Moderna ficou conhecida como a época da “revolução sexual”, momento este de grande relevância para a história da liberdade sexual. Nesse período as pessoas que estavam insatisfeitas com o padrão sexual existente, foram às ruas lutar pelo fim do conservadorismo sexual, buscando pelo direito de viver

relações que fugissem do padrão, pois somente eram aceitas as relações heterossexuais e monogâmicas tradicionais (DANTAS, 2010).

A “revolução sexual” favoreceu para que grandes conquistas pudessem ser alcançadas. A liberação dos anticoncepcionais proporcionou para que todas as mulheres pudessem usufruir do sexo com uma maior liberdade, sem medo de serem vítimas de uma gravidez não planejada. A comercialização dos contraceptivos mostrou para a população que a sexualidade da mulher não era unicamente para fins de procriação, havendo assim uma grande valorização do prazer feminino (SILVA; MENDES, 2015).

Na contemporaneidade a sociedade como um todo se torna mais tolerante aos novos modelos de sexualidade. O corpo que antes era associado somente a reprodução passa a ser um corpo capaz de experimentar as mais diversas sensações prazerosas. Desta forma, os indivíduos passam a ter a liberdade sexual para ser, agir, escolher, desejar, obter prazer. A liberdade do comportamento humano face a libido trouxe como consequência uma grande gama de possibilidades no que diz respeito à experimentação da vida e da sexualidade (POMBO, 2015).

Segundo Pedro; Guedes (2010) o movimento feminista foi um fenômeno que teve grande relevância na construção histórica da liberdade de gênero, pois o mesmo caracteriza-se como um momento histórico no qual, mulheres que não estavam satisfeitas com as imposições sociais existentes no século XIX, saem as ruas com o propósito de chamar atenção das esperas públicas para questões que lhes dizem respeito. Deste modo, esse movimento social, político e econômico teve como objetivo principal discutir e lutar por direitos das mulheres, além de exigir socialmente direitos iguais aos dos homens.

O movimento feminista se divide em três “ondas” ou três grandes momentos e cada uma delas se dá em tempos diferentes. A primeira onda feminista aconteceu entre o final do século XIX e o início do século XX, onde as mulheres reivindicavam pelos direitos legais de igualdade entre os gêneros masculino e feminino, como por exemplo a participação na vida política, ou seja, o direito ao voto. Na primeira onda a diferenciação humana era feita através do sexo biológico, sendo ele inerente ao homem do ponto de vista biológico e o gênero era visto como consequência do sexo, sendo assim o gênero era visto como algo limitado (BITTENCOURT, 2015).

A segunda onda ocorreu entre as décadas de 1960 e 1980, onde a temática problema era a diferenciação de gênero e sexo. A filósofa Simone de Beauvoir em sua

obra “O segundo sexo”, escrito em 1949, expõe a sua ideia de que “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Partindo dessa premissa, entende-se o gênero não como um determinismo biológico, mas sim, fruto de uma construção social e dos papéis sociais relacionados à mulher e ao homem (STIVAL; MARTINS, 2016).

A terceira onda mais conhecida como movimento pós feminista trouxe uma visão mais abrangente, incluindo as minorias, pois as pesquisas sobre a sexualidade deixam de ser algo exclusivamente sobre as mulheres e passam a ser sobre todos os gêneros existentes. Neste momento os Estudos de gênero abrangem um maior número de pessoas incluído a comunidade LGBT que é composta por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Desta forma a sexualidade humana é tomada como objeto de estudo, trazendo em pauta a discussão sobre a questão da diversidade sexual (MIRANDA, 2015).

A terceira onda ocorreu a partir dos anos 90 e se faz presente até os dias atuais. Esta é marcada pelos Estudos de gênero um campo interdisciplinar de pesquisa sendo elas a filosofia, história, sociologia, antropologia, ciência, política, biologia e psicologia. Uma das áreas de pesquisas dos Estudos de gênero são a formação social das identidades sexuais e papéis de gênero; representações simbólicas atribuídas ao masculino e feminino; e relações sociais entre os gêneros (JESUS; SACRAMENTO, 2014).

Dentro dos Estudos de gênero, encontramos a teoria *queer*, podendo ser compreendida como a teoria de gênero da contemporaneidade. Em 1990 nasce a teoria *queer*, sendo uma corrente de pesquisa acadêmica que teve como referencial teórico os estudos de Foucault e da feminista Judith Butler. A palavra *queer* foi usada pela feminista italiana Teresa de Lauretis, no seu artigo “Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities” de 1991. O termo *queer* é uma palavra americana que traz em seu significado a ideia do estranho, raro, esquisito, sendo ela usada de maneira pejorativa para se referir a pessoas que possuíssem sexualidade desviante, no caso de homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags (PRECIADO, 2011).

Desta forma o *queer* é considerado a teoria que fundamenta um ato político que representa as minorias sexuais na luta por respeito, pela defesa dos seus direitos, e na busca de igualdade social. O *queer* traz ideias opostas do que a sociedade prega em relação a sexualidade e gênero, desmistificando as práticas que fogem das heterossexuais e derrubando a ideia de que é a heterossexualidade que mantém a ordem social (MISKOLCI, 2014).

A teoria *queer* oportunizara para que o termo gênero fosse estudado e debatido com mais complexidade. Entretanto a diferenciação entre gênero e sexo passou a ser necessária para a compreensão dos mesmos. Entende-se por gênero um fato construído através das relações sociais, pois a visão sobre a mesma muda de acordo com a cultura. Gênero se refere ao conjunto de relações, atributos, papéis, crenças e atitudes impostas pela sociedade que definem o que significa ser homem ou ser mulher (AMORIM, 2011).

Por outro lado, o sexo é por consequência biológico por estar atrelado às características orgânicas dos seres humanos. Um dos aspectos físicos essenciais para a definição do sexo biológico nos indivíduos, são os órgãos sexuais, sendo eles a vagina e o pênis, através da genitália podem ser feito a categorização do sexo dos indivíduos. Biologicamente falando é tido como fêmea todo ser que possui os órgãos genitais femininos (vagina); macho todo ser que possui órgãos reprodutivos masculinos (pênis) (SOUZA; MEGLHIORATTI, 2017).

2.2 ADOLESCÊNCIA

O termo adolescência vem do latim *adolescere*, que significa crescer. A adolescência é um objeto histórico e socialmente construído, e como é compreendida depende diretamente da época na qual estamos tendo o olhar crítico em relação a ela. Sendo assim, a maneira como a sociedade enxerga o adolescente e a concepção que o próprio tem de si, está relacionado com a forma pela qual ele é interpretado socialmente pelos outros (VITALLE; QUIROGA, 2013).

Na antiguidade não existia a palavra adolescência, e também não havia uma nomenclatura específica para se dirigir a essa fase do desenvolvimento humano. Nesta época, os jovens eram tidos como pessoas desprovidas de sabedoria já que culturalmente falando o saber era construído com a experiência adquirida com o tempo de existência do ser humano. Sendo assim, os jovens eram vistos como pessoas incapazes de fazer boas escolhas para a sua vida sem ter a ajuda dos mais velhos (LÍRIO, 2012).

Foi na Idade Média que passou-se a perceber que a vida do ser humano é composta por fases, a partir das observações que constaram que em cada momento da vida, as pessoas possuíam necessidades e funções sociais diferentes. É no ano 1430 que o termo adolescência foi usado pela primeira vez. Sob a influência de

Aristóteles a palavra adolescência passou a ser classificada como terceira idade que correspondia dos 14 aos 21 anos de idade, sendo ela sinônimo de procriação devido ao fato que nessa idade o indivíduo está no processo de maturação sexual. A partir do século XX com base em pressupostos científicos é que a ideia da adolescência se consolidou chegando a conclusão que o desenvolvimento humano é dividido em etapas, facilitando o entendimento de que cada momento da vida é único, e que a assistência e o cuidado que o indivíduo necessita está diretamente ligada a sua fase de pertencimento (FERREIRA; FARIAS; SILVARES, 2010).

Na atualidade a adolescência é vista como uma fase de alta complexidade, que possui grande importância para o desenvolvimento humano, que precede a infância e antecede a vida adulta, sendo ela considerada um fenômeno universal. Apesar do processo de adolecer chegar para todos, existem várias formas de vivenciá-la, cada indivíduo a experimenta de forma particular, pois, o processo de desenvolvimento dessa fase está inteiramente ligada aos fatores biológicos, psicológicos e sociais de cada ser (CARDOSO, 2017).

A partir de 1990, com o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente - (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990), as crianças e os adolescentes passaram a ser reconhecidos como sujeitos de direitos responsável pela sua própria ação. Sendo assim a mesma estabelece que a família, o Estado e a sociedade são responsáveis pela sua proteção. Essa lei prescreve que a adolescência é vivenciada entre os 12 e 18 anos de idade da vida de uma pessoa (BRASIL, 1990).

Apesar de não existir uma idade exata para definir em que faixa etária o processo da adolescência começa e termina na vida de um indivíduo, para Ferreira; Farias; Silvares (2010) a adolescência se dá entre os 11 ou 12 anos até um pouco antes ou depois dos 20 anos de idade, durando em média um período de 10 anos. As mesmas afirmam que de uma forma geral a adolescência começa juntamente com o processo de puberdade.

O adolecer é um período no qual o indivíduo está em processo de amadurecimento emocional, físico, mental, social e sexual. O amadurecimento e a forma racional de pensar faz com que o mesmo esteja aberto a conhecer mais de si mesmo e do mundo que o cerca, buscando cada vez mais construir sua identidade, consequentemente afirmando sua personalidade (BERTOL; SOUZA, 2010).

De acordo com Chiuzi (2011), a adolescência é uma fase onde o indivíduo continua em busca de construir a sua identidade individual, de forma que a mesma

não pode ser vista como algo exclusivo de apenas um momento do desenvolvimento humano, a identidade é algo que começa a ser construído na infância, tem seu momento crucial na adolescência, pois é neste momento que o indivíduo tem a maior capacidade para interpretar os diversos papéis que compõem o eu, e percorre até a idade adulta, sendo assim um processo inacabado.

A puberdade é o momento de transição entre a infância e adolescência, que envolve não apenas fatores biológicos, naturais e orgânicos, mas que abrange também os fatores, emocionais, psicológicos e sociais do indivíduo. A puberdade é considerada um rito de maturação biológica para a vida adulta, onde a pessoa deixa de ter um corpo infantil para agora receber um corpo com particularidades adultas, sendo assim, ela envolve um conjunto de transformações, chamados de caracteres sexuais secundárias (LÍRIO, 2012).

Biologicamente falando, os caracteres sexuais secundários são as características físicas que estão relacionadas com o sexo biológico do ser humano e se dá concomitante à puberdade. Sendo assim, as pessoas do sexo feminino apresentam transformações corporais diferentes de pessoas do sexo masculino. Essas mudanças se apresentam em idades distintas para ambos os sexos, de modo que para os meninos inicia-se em média dois anos após as meninas (FERRIARE; SANTOS, 2011).

Nas meninas os caracteres sexuais secundários aparecem entre 9-14 anos de idade, sendo o estrogênio e a progesterona os hormônios responsáveis pelo surgimento das mudanças físicas. As modificações físicas são o desenvolvimento do broto mamário, pelos pubianos, crescimento acelerado, a menarca e a modelação do contorno corporal através de gordura que tende a se localizar em algumas partes do corpo específicas como nádegas, quadris e coxas (FRANZÃO; STADLER; LIMA, 2013).

Nos meninos os caracteres sexuais secundários aparecem entre 10-17 anos de idade, sendo a testosterona o hormônio responsável pelo surgimento das modificações físicas que são o aumento do volume testicular, aparecimento de pelos púbicos, crescimento do pênis, alargamento do tronco, estirão dos membros inferiores e superiores (pernas, pés, braços e mãos), crescimento acelerado e massa muscular (QUEIROZ; LOURENÇO, 2010).

As características sexuais favorecem para que os adolescentes possam escolher e buscar por pares semelhantes ou diferentes a si, já que a adolescência é entendida como a fase onde se iniciam as práticas sexuais na vida do ser humano. A iniciação sexual não pode ser compreendida simplesmente como a primeira relação sexual, mas como um processo que envolve fortemente as relações de gênero, que são constituintes dos fatores biológicos, psicológicos e sociais (MARTINS et al., 2012).

De acordo com Netto; Cardoso (2012), para o psicanalista Sigmund Freud (1856-1939), a sexualidade é inerente à vida do ser humano, estando presente desde o nascimento até a morte, sendo ela considerada oriunda da infância e responsável pelas pulsões. As pulsões sexuais não se limitam à sexualidade biológica, mas de uma sexualidade existente no campo psíquico do indivíduo, sexualidade esta que é responsável pelas manifestações psíquicas e do seu funcionamento como um todo.

Para Guimarães (2012), a partir das postulações freudianas, o aspecto que diferencia a sexualidade da criança para a sexualidade do adulto é basicamente a forma de como o indivíduo busca pelo prazer. A sexualidade infantil é autoerótica, ou seja, é direcionada do corpo para o próprio corpo, sem precisar de um objeto externo para que o gozo seja alcançado. Portanto a sexualidade infantil não é subordinada ao primado da genitalidade, que está vinculada ao sexo enquanto a masturbação e penetração. A satisfação decorre de uma excitação sensorial de qualquer parte do corpo, funcionando como zona erógena.

Em sua obra “Três Ensaios da Sexualidade”, escrita em 1905, Freud expõe que a sexualidade infantil se divide em três momentos. O primeiro momento é a fase oral, que acontece após o nascimento até os dois anos de vida da criança e é considerada de extrema importância por ser o primeiro meio que leva a criança para a realização da sua satisfação. Nesta fase a criança se realiza no gozo de satisfação sexual ao executar qualquer atividade que envolve a estimulação da sua própria boca. No caso das crianças esse prazer se dá no ato de mamar nos seios da mãe e na sucção do polegar (FURDADO; VIEIRA, 2014).

A segunda fase é nomeada como fase anal e se apresenta ente os dois e quatro anos de idade, sendo a fase onde a criança começa a entender que detém o controle do próprio esfíncter, onde o ânus passa a ser a zona do corpo que proporciona mais prazer. Esta fase está relacionada ao masoquismo, que se caracteriza pela satisfação de sentir dor ao reter as fezes para depois sentir prazer ao liberá-las. O sadismo vincula-se ao gozo através da dor ou sofrimento alheio, e se dá através do não liberar

as fezes para a mãe fazendo com que ela se sinta não merecedora do presente (BRILHANTE; CATRIB, 2011).

Por volta dos quatro aos cinco anos de idade inicia a fase fálica, onde o prazer se torna mais preponderante nos órgãos genitais. Neste período as crianças, tanto os meninos quanto as meninas apresentam um desejo de manipulá-los constantemente em busca da satisfação, principalmente através da masturbação. Essa é uma fase marcada pela descoberta dos órgãos genitais, na qual as crianças adquirem uma curiosidade aguçada em ver os órgãos dos seus pares, e decorrente a esse comportamento as mesmas começam a perceber as diferenças dos sexos masculino e feminino (COSTA; OLIVEIRA, 2011).

A seguir temos a fase de latência que ocorre dos cinco aos doze anos. Neste período, o desenvolvimento psicosssexual está suspenso, pois os pais estão a todo momento desencorajando e reprimindo qualquer tipo de comportamento na qual seja percebido a estimulação dos órgãos sexuais. Como consequência dessas proibições por parte dos pais, inconscientemente os impulsos da criança são sublimados, ou seja, os desejos que não são socialmente aceitos são transformados em comportamentos socialmente aceitáveis, como por exemplo, ir para a escola e brincar com os colegas (SOUZA, 2014).

Por fim, a fase genital encerra o desenvolvimento psicosssexual. Este estágio tem seu início no começo da adolescência. Diante desta ocasião os impulsos sexuais do indivíduo que antes haviam sido suspensos, retornam para os órgãos genitais, sendo assim os adolescentes começam a procurar parceiros com o intuito de satisfazer as suas necessidades eróticas, pois é na fase genital que os desejos sexuais se tornam adultos, pois agora o adolescente necessita de um objeto externo para que o desejo seja alcançado (FURTADO; VIEIRA, 2014).

2.3 SEXUALIDADE FLUIDA E SEUS SIGNIFICADOS DENTRO DO COMPORTAMENTO ERÓTICO.

Bauman (2001), em sua obra “Modernidade Líquida” descreve o termo fluido como algo maleável, moldável e flexível; diferente do termo sólido que traz em sua conotação uma ideia de algo rígido, fixo e constante. A fluidez está relacionada com a temporalidade e suas constantes transformações, os fluidos tendem a se mover facilmente, sofre diversas transformações por serem leves e inconstantes. Bauman

utiliza a fluidez como uma metáfora para descrever, categorizar e conceituar as relações existentes na modernidade. Vale ressaltar que a fluidez não é um termo pejorativo, mais sim sinônimo da capacidade da sociedade de dissolver a solidez da estrutura social tradicional.

A fluidez sexual é entendida como a capacidade do indivíduo de flutuar seu interesse sexual por diversas pessoas com diversos gêneros. Conforme Alberto (2018) a sexualidade não é algo estático e inflexível, mais sim, um fenômeno fluido que é construído e modificado de forma contínua ao longo da vida do indivíduo. A fluidez sexual é um construto do meio social, dos fatores biológicos e processos psicológicos do ser. Desta forma a fluidez sexual nada mais é que resultado das experiências sexuais do indivíduo.

As questões relacionadas a gênero e a sexualidade sempre foram um paradigma muito presente na vida dos adolescentes em uma sociedade onde somente era considerado como gênero o masculino e o feminino. O preceito relacionado ao gênero tem sido trabalhado e modificado no transcurso evolutivo da sociedade humana, assim favorecendo para uma maior liberdade sexual. As relações sexuais são diretamente influenciadas pelas relações de gênero presentes na atualidade, de modo que pode se converter em dúvidas importantes para os adolescentes, que acabam por influenciar suas escolhas e práticas sexuais (MARTINS et al., 2012).

Segundo Freud (1905), as exigências do sexo vêm à tona quando há a maturação progressiva do sujeito, ou ainda quando devido a circunstâncias externas de sua vida. Ele associa o período da puberdade a dois movimentos importantes, sendo estes a subordinação de todas as fontes de excitação sexual ao primado das zonas genitais e o processo de encontro do objeto (CRÜXEN; BITAR, 2010, p.152).

Cabe aqui introduzir o conceito de pulsão proposto por Freud em 1915 que significa as metas que impulsionam os indivíduos a obtenção de determinados tipos de prazer. Toda atividade sexual é resultado de um processo pulsional, que é sempre particular a cada ser. A pulsão não possui um objeto fixo, tendo como consequência a sua constante variação. Devido a esses fatores a sexualidade acontecerá de forma diferenciada para cada indivíduo, com base na história de vida pessoal. Devido a esses fatores não existem maneiras de avaliar se as manifestações da sexualidade das pessoas são certas ou erradas (SALLES; CECCARELLI, 2014).

A orientação sexual que antes era conhecida como “opção sexual” está relacionada com as diferentes formas de um indivíduo se sentir atraído

amorosamente, afetivamente e sexualmente por alguém. De acordo com Carvalho et al (2017), a orientação sexual se divide em três tipos de sexualidade a heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade. A heterossexualidade corresponde a indivíduos que possuem atração a pessoas com o sexo oposto do seu; a homossexualidade diz a respeito de indivíduos que possui atração por iguais, ou seja, pessoas o mesmo sexo que o seu; e bissexuais refere-se às pessoas que possuem atração pela binariedade (homem e mulher).

A panssexualidade que é uma orientação sexual caracterizada pela atração sexual ou romântica por pessoas independente do seu sexo biológico ou seu gênero de identificação. Os pansexuais não se restringem a escolher seu parceiro de acordo com seu sexo, desta forma seu parceiro pode ser uma pessoa que se identifique como homem ou mulher, ou até mesmo pessoas que não se encaixa na lógica binaria de gênero (FERNANDES, 2017).

Diferente da panssexualidade a fluidez da bissexualidade é mais restrita, visto que ela é uma orientação sexual que transita entre os gêneros masculino e feminino, devido a esse fato a mesma é considerada uma orientação sexual que possui fluidez em partes. A bissexualidade é vivenciada por pessoas que se identificam com o seu sexo biológico seja homem ou mulher e se sentem sexualmente ou amorosamente atraídas pela binariedade de gênero (MARQUES; PAVONI; CAVACHIO, 2014).

A fluidez sexual tem então como sua principal característica a capacidade do indivíduo variar seu interesse sexual de um gênero para outro, como se flutuasse entre eles. Podemos dizer que a bissexualidade e principalmente a panssexualidade são consideradas orientações sexuais que possuem fluidez, não em sua totalidade, mas em parte, por causa da sua característica de flexibilidade, diferente da homossexualidade, onde o parceiro sexual é uma pessoa do mesmo sexo e da heterossexualidade, onde o parceiro é uma pessoa do sexo oposto, que são considerados orientações sexuais rígidas (ALBERTO, 2018).

Desta forma podemos compreender que o desejo é algo inconsciente e inerente ao ser humano. O desejo é entendido como aquilo que induz e impulsiona o indivíduo realizar qualquer forma de movimento em direção a um objeto (o outro) em busca de satisfação. Para o psicanalista Sigmund Freud o desejo não é compreendido como uma necessidade biológica, pois o desejo é a realização de um anseio inconsciente, ou seja, o desejo antes de passar a ser reconhecido pela consciência, antes de tudo ele é um produto do inconsciente (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Ravelo; Martinez (2013) enfatizam que para a psicanálise existe um objeto original de um impulso que se encontra no campo do inconsciente e que é reprimido. O objeto original não consegue vir ao campo da consciência, os impulsos se manifestam constantemente a procura de um objeto substitutivo para a obtenção de completa satisfação. Devido a isso os indivíduos trocam constantemente de objeto sexual ou objeto de amor, havendo assim uma fluidez nos relacionamentos existentes na atualidade principalmente entre os adolescentes.

2.4 FLUIDEZ SEXUAL E O ADOLESCENTE DO SÉCULO XXI

A prática sexual entre pessoas do mesmo sexo sempre esteve presente ao longo da história da humanidade. No século XVII a igreja católica era responsável por controlar todo e qualquer tipo de relação sexual que fugisse dos padrões no qual era tido como normal para a sociedade naquela época, visto que esses padrões eram impostos pela própria igreja. Neste período os atos homossexuais eram considerados pecado e crime, de modo que as pessoas que eram pegas praticando esses atos estavam fadadas ao cárcere, desta forma as práticas sexuais não héteras eram entendidas como uma espécie de vandalismo, rebeldia, desorganização social e religiosa (FARO, 2015).

No século XIX a ciência toma a sexualidade como um objeto de estudo consequentemente rebatendo a visão que o catolicismo tinha criado em relação a homossexualidade, antes a mesma era sinônimo de pecado agora passar a ser uma patologia hereditária que acarretava falhas biológicas e psíquicas com necessidade de cura. A ciência responsabilizava as minorias sendo elas, os bêbados, prostitutas, criminosos, imbecis, pervertidos sexuais (dentre estes os homossexuais), crianças em orfanatos e insanos pelos problemas sociais existentes. Com o objetivo de “limpar a sociedade” essas pessoas eram levadas para manicômios (FARIAS, 2010).

Em 1973 a Associação Americana de Psiquiatria deixou de considerar a homossexualidade como sendo um transtorno mental e a retirou do Diagnostic and Statistical Manual Disorders (DSM). No ano de 1975 a Associação Americana de Psicologia recomendou aos profissionais de saúde mental que fizessem pesquisas com o objetivo de compreender como funciona a sexualidade nos seres humanos. No dia 17 de maio de 1990 a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID), consequente

não sendo uma doença não haveria necessidade de cura (AUFRANC, 2018).

A sexualidade passou a ser então objeto de estudo de várias áreas de pesquisas, ampliando-se a sua visão da sexualidade como um fato universal que não se restringe a apenas uma etapa do desenvolvimento humano, deixando de ser um acontecimento isolado para se torna um produto dos fenômenos biológicos, psicológicos e sociais. Desta forma a sexualidade torna-se uma responsabilidade interdisciplinar, cada campo científico passou a contribuir para o conhecimento, entendimento e intervenção da mesma (BORGES et al., 2013).

Diante desse cenário internacional, o Conselho Federal de Psicologia (1999) também assume uma importante posição com a criação da Resolução de nº 001/99 de 22 de março de 1999, que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação a sua postura profissional diante das diversidades sexuais. Nessa situação é dever do psicólogo enquanto profissional de saúde possuir conhecimentos que dizem respeito à sexualidade humana, para que o mesmo possa exercer socialmente o papel de informar à população que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão, conseqüentemente contribuindo para a minimização da discriminação sexual e estigmatização contra pessoas que possuem comportamentos homoerótico.

A psicologia enquanto ciência que se encontra em uma constante transformação tem o objetivo de compreender e de acompanhar a fluidez e flexibilidade da mente humana através da forma como os sujeitos amam, expressam seus sentimentos e manifestam sua sexualidade. A psicologia contribui para que a sociedade como um todo tenha uma visão diferenciada a respeito da sexualidade, propondo a ideia da sexualidade como sendo um produto dos fenômenos individuais, sociais e da subjetividade humana e não apenas o resultado de questões puramente biológicas (SALLUM, 2020).

Nas últimas três décadas, algumas mudanças ocorreram no estilo de vida da população, incluindo seus valores, crenças e tabus, principalmente, aqueles relacionados à sexualidade. Hoje os profissionais de saúde e a sociedade em geral estão deixando de controlar a vida sexual dos jovens, transferindo para eles próprios a responsabilidade por sua conduta sexual (MACEDO et al., 2013, p.14).

O olhar diferenciado que o século XXI trouxe para o contexto da sexualidade, fez com que a mesma atualmente seja considerada como fluida, no sentido que essa fluidez se dá para além do binarismo e das polarizações radicais do masculino e

feminino, fugindo dos padrões e das categorizações que tentam a todo o momento rotular e enquadrar o novo modo de sexualidade dentro de terminologias e siglas. A possibilidade de viver a não binariedade de gênero inclui formas variadas de neutralidade, ambiguidade, multiplicidade e fluidez de gênero (AUFRANC, 2018).

Atualmente os seres humanos começam a descobrir a própria sexualidade cada vez mais cedo. As experiências homossexuais ocasionais na infância e adolescência fazem parte do processo de construção da identidade sexual, a qual só assume sua forma definitiva, em alguns casos, no final da adolescência. A percepção dessa fluidez é experimentada através dos primeiros contatos homoeróticos que ocorrem através da curiosidade ou experimentação do novo, levando ao indivíduo vivenciar uma sexualidade fluida auto declarada (TAQUETTE; RODRIGUES, 2015).

A sexualidade plástica é um termo utilizado pelo sociólogo Anthony Giddens em seu livro “A Transformação da Intimidade” de 1993 para se referir às relações sexuais da modernidade. De acordo com Oliveira; Holand (2014) a palavra “plástico” refere-se à maleabilidade de expressão erótica tanto em termos da escolha individual como em termos da matriz das normas sociais. A ideia da sexualidade plástica veio para contrapor a visão de sexualidade fixa e determinista que a biologia criou em torno dela, deste modo, a sexualidade plástica é uma consequência de fatores históricos que libertou mulheres e homens das restrições inerentes as perspectivas tradicionais dos gêneros livrando-os da necessidade de reprodução.

Estudos contribuíram para o entendimento da sexualidade e principalmente da erotização como um elemento presente na vida do adolescente, fazendo com que os mesmos consigam fazer suas escolhas sexuais sem que a sociedade interfira de modo negativo e punitivo sobre elas. A liberdade sexual adolescente faz com que pessoas venham se permitindo experimentar as possibilidades sexuais sem se reprimir. As formas sexuais e envolvimentoais estão se modificando e cada vez mais saindo dos padrões heterossexuais (TROCO; DELL'AGLIO, 2012).

A diversidade de métodos contraceptivos interferiu diretamente para que o adolescente possa viver a sua sexualidade de modo ativo sem medo de gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis. Deste modo, conseguem obter uma variação de parceiros sexuais que vão além dos gêneros masculino e feminino, aderindo a comportamentos sexuais visando o prazer e o autodescobrimento. As práticas sexuais desenvolvidas ainda na adolescência perpetuam em forma de cadeia sexual que chega até a adultilidade, no direito universal de usufruir plenamente

do próprio corpo e dos prazeres que este pode oferecer (BRÊTAS et al., 2011).

Na atualidade as relações estão se tornando cada vez mais “líquidas” de modo que o “ficar” vem progressivamente substituindo os relacionamentos tradicionais que envolvem compromisso duradouro. O termo “ficar” diz respeito à relações onde não existem nenhuma vinculação com o amor romântico, essa prática tem como principal objetivo a busca pelo prazer, que pode ser um simples beijo até uma relação sexual. A prática do “ficar” é bastante utilizadas por pessoas que procuram um envolvimento mais instantâneo, imediato, prazeroso e pontual (VIEIRA; STENGEL, 2012).

Similarmente outra modalidade de relacionamentos atualmente utilizadas entre os adolescentes é o “pegar”, que nada mais é que uma forma de envolvimento com menor grau de comprometimento, mais curta e mais efêmera quando comparado ao “ficar”. O “pegar” diz respeito das relações que envolvem trocas de beijos e carícias, porém, não há realização do ato sexual propriamente dito. Os adolescentes podem se “pegar” na escola, em festas ou em lugares públicos, e esse ato pode ser realizado com quem queira realizá-lo sem necessariamente conhecer ou até mesmo saber o nome da pessoa (CARLOS, 2011).

Assim sendo, Bauman (2004), em sua obra “Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos” diz que nos dias atuais onde o imediatismo se tornou um fato inerente à pessoas, cada vez mais tem se buscado experiências sexuais movidas unicamente pela extinção rápida de seus impulsos. Os impulsos possuem curto prazo, levando a pessoa buscar por várias vezes seguidas a satisfação, já que os mesmos são transitórios e não possuem um objeto definido, mas não impossibilitando o indivíduo vivenciar novos momentos de prazer.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência é conhecida por ser um momento de conflitos e de mudanças recorrentes e construção da individualidade. Nesta fase do desenvolvimento pode-se perceber que os fatores biológicos, psicológicos e sociais contribuem de modo direto para a formação da mesma. A sexualidade enquanto fenômeno sócio-histórico se encontra inserida no contexto do adolescente contribuindo para a sua identidade sexual. Desta forma se faz necessário a compreensão dos fatores que interferem na sexualidade do adolescente do século XXI.

No entanto, podemos dizer que o processo histórico como um todo teve sua grande importância para que a sexualidade hoje tivesse uma conotação de liberdade, pois a desconstrução da visão que permeava o sexo e sexualidade como sinônimo de promiscuidade e desordem social, foi alcançada por meio dos movimentos sociais que traziam em sua ideologia a liberdade sexual, o direito sobre o corpo, o respeito e o reconhecimento das diferentes orientações sexuais existentes.

Assim como a sexualidade, a visão sobre a adolescência também passou por transformações históricas que contribuíram para que atualmente ela seja vista como um momento do desenvolvimento humano que se difere da infância e adultez. Essa classificação contribuiu para que a adolescência se tornasse objeto de estudo de diferentes áreas, conseqüentemente elucidando que a sexualidade faz parte das peculiaridades que envolvem este momento.

A psicanálise enquanto saber científico, tomou a sexualidade como um dos seus objetos de estudo, tratando a sexualidade como um fenômeno que possui como primeira característica ser um fator inerente aos indivíduos, desde o nascimento até a morte. Isso significa que ela deve ser vivenciada em sua totalidade, sendo uma importante fonte de satisfação psíquica, social e corporal. O segundo aspecto tem o objetivo de desfazer a visão de que a sexualidade é um fator puramente biológico, pois sabemos que a construção da moralidade interfere diretamente na forma como a sexualidade é vivenciada. Desta forma podemos afirmar que o movimento psicanalítico e seus postulados teóricos e clínicos favoreceu uma mudança significativa na forma das pessoas perceberem, verem e interpretarem a sexualidade humana.

A fluidez enquanto sinônimo de flexibilidade pode ser entendida como aquilo que não é rígido, ou seja, mutável e em constante processo de transformação. Desta forma podemos usá-la para nos referirmos à sexualidade que não se encontra em uma forma fixa, de modo que uma única pessoa pode se envolver eroticamente com diferentes pessoas que possuem diferentes gêneros e diferentes opções sexuais, pois a sexualidade fluida não se trata de categorização, mas de relações.

Certamente, a junção desses fatores favorece para que atualmente os adolescentes possam viver a liberdade sexual sem repressão e com fluidez. Dessa forma, as práticas como “ficar” e “pegar” estão sendo cada vez mais utilizadas como um meio que facilita aos adolescentes a possibilidade de vivenciar os mais variados tipos de orientações sexuais que divergem dos padrões fixos e normativos da heterossexualidade.

4. REFERÊNCIAS

ALBERTO, Joana. **Bissexualidade(s)**: Crenças e opiniões. Orientador: Prof.^a Doutora Madalena Melo. 2018. 68f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Évora, Évora, 2018.

AMORIM, Linamar. Gênero: uma construção do movimento feminista?. Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas - Universidade Estadual de Londrina, 2011.

AUFRANC, Lia. Expressões da sexualidade: um olhar Junguiano. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, v.36, n.1, p.37-48, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERTOL, Carolina; SOUZA, Mériti. Transgressões e Adolescência: Individualismo, Autonomia e Representações Identitárias. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.30, n.4, p.824-839, 2010.

BITTENCOURT, Naiara. Movimentos Feministas. **Revista InSURgência**, v.1, n.1, p. 198-210, 2015.

BORGES et al. Abordagens de Gênero e Sexualidade na Psicologia: Revendo Conceitos, Repensando Práticas. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.33, n.3, p.730-745, 2013.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 21 de agosto de 2019.

BRÊTAS, José. et al. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, n.7, p.3221-3228, 2011.

BRILHANTE, Aline; CATRIB, Ana. Sexualidade na adolescência, **Revista FEMINA**, v.39, n.10, p.505-509, 2011.

CARDOSO, Priscila. A construção de identidade de adolescentes autores de atos infracionais durante suas trajetórias escolares. Orientador: Prof.^a Dr.^a Débora Cristina Fonseca. 2017. 180f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

CARLOS, Paula. “Sou para casar” ou “Pego, mas não me apego”? Práticas afetivas e representações de jovens sobre amor, sexualidade e conjugalidade. Tese (Pós-graduação em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p.265, 2011.

CARVALHO, Helton. et al. Conflitos entre a orientação sexual e a orientação de gênero na identidade de atletas profissionais de voleibol: a percepção de atletas homossexuais. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.25, n.2, p. 84-98, 2017.

CHIUZI, Rafael. Et al. Conflito de gerações nas organizações: um fenômeno social interpretado a partir da teoria de Erik Erikson, **Temas em Psicologia**, v.19, n.2, p. 579 – 590, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. resolução nº 001/99, de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>. acesso em: 12 fev. 2020.

COSTA, Elis; OLIVEIRA, Kênia. Sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG**, v.2, n.11, p.1-17, 2011.

CRÜXEN, Orlando; BITAR, Lia. Os(re)encontros históricos: considerações acerca da relação de objeto em Freud e Lacan. **Psicanálise & Barroco em revista**, v.8, n.1, p.148-158, 2010.

DANTAS, Bruna. Sexualidade, cristianismo e poder. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.10, n.30, p.700-728, 2010.

FARIAS, Mariana. Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito em relação à conjugalidade homossexual e a homoparentalidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, n.1, p.104-115, 2010.

FARO, Julio. Uma Nota sobre a Homossexualidade na História. **Revista Subjetividades**, v.15, n.1, p.124-129, 2015.

FERNANDES, Margarida. **Homossexualismo e o uso do anticoncepcional**: projeto de intervenção. Orientador: Mestre Ângela Fernandes Ferreira. 2017. 26f. Trabalho de Especialização (Gestão das Políticas de DST/Aids, Hepatites Virais e Tuberculose – Educação a Distância) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

FERREIRA, Teresa, FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges. Adolescência através dos Séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.26, n. 2, p.227-234, 2010.

FERRIANI, Maria; SANTOS, Graziela. Adolescência: puberdade e nutrição. **Revista adolescer**, p.1-5, 2011.

FRANZÃO, Jeanine; STADLER, Rita; LIMA, Siumara. Educação Sexual: uma proposta de intervenção sobre caracteres sexuais secundários. Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – IX ENPEC Águas de Lindóia, SP – 10 a 14 de novembro de 2013.

FURTADO, Luis; VIEIRA, Camilla. A Psicanálise e as Fases da Organização da Libido. **Revista Científica Multidisciplinar**, v.2, n.4, p.92-107, 2014.

GUEDES, Dilcio. Revisão histórica e psicossocial das ideologias sexuais e suas

expressões. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v.10, n.2, p.447-493, 2010.

GUIMARÃES, Veridiana. A concepção freudiana da sexualidade infantil e as implicações da cultura e educação. **Revista de Educação**, v.15, n.1, p.53-66, 2012.

JESUS, Milena; SACREMENTO, Sandra. A abordagem conferida ao sexo e gênero nas distintas ondas feministas. **Revista Café Com Sociologia**, v.3, n.3, p.188-206, 2014.

LEÓN, Adriano. As Artes da Tirania: sexo, Foucault e Teoria Queer. Ariús: **Revista de Ciências Humanas e Artes**, v.16, n.1/2, p.56-63, 2010.

LÍRIO, Luciano. A construção histórica da adolescência. **Protestantismo em Revista**, v.28, p. 72-79, 2012.

MACEDO, Senei. et al. Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.66, n.1, p. 103-109, 2013.

MARQUES, Franciani, PAVONI, Marcela; CAVICHIO, Sabrina. As faces da bissexualidade na sociedade contemporânea. **Revista Científica do Unisalesiano**, n.10, p.105-120, 2014.

MARTINS, Christine. Et al. As questões de gênero quanto a sexualidade do adolescente. **Revista Enfermagem Uerj**, v.20, n.1, p.98-104, 2012.

MIRANDA, Cynthia. Os movimentos feministas e a construção de espaços institucionais para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil e no Canadá. **Interfaces Brasil/Canadá**, v.15, n.1, p.347-385, 2015.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria queer. **Revista Florestan**, n.2, p.8-25, 2014.

NETTO, Ney; CARDOSO, Marta. Sexualidade e pulsão: conceitos indissociáveis em

psicanálise?. **Revista Psicologia em Estudo**, v.17, n.3, p. 529-537, 2012.

OLIVEIRA, Breno; ROLAND, Sílvia. Sólida, fluida: dos impasses da modernidade ao amor líquido em “Buriti”. **Revista Literatura em Debate**, v.8, n.15, p.100-117, 2014.

PEDRO, Claudia; GUEDES, Olegna. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas-Universidade Estadual de Londrina, 2010.

POMBO, Mariana. Sexualidade e contemporaneidade: novas subjetividades frente ao desamparo. **Revista Clínica & Cultura**, v.4, n.2, p.17-30, 2015.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, v.19, n.1, p.11-20, 2011.

QUEIROZ, Lígia; LOURENÇO, Benito. Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência. **Revista de Medicina**, v.89, n.2, p.70-75, 2010.

RAVANELLO, Tiago; Martinez, Marisa. Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. **Revista Cadernos de Psicanálise**, v.35, n.29, p.159-183, 2013.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SALLES, Ana; CECCARELLI, Paulo. A quantas andam o sexual e a sexualidade nos dias atuais?. **Revista Estudos de Psicanálise**, n.41, p.23–30, 2014.

SALLUM, Alessandra. Quando a sexualidade aparece no divã on-line: Compreensão e manejo das situações envolvendo a sexualidade no atendimento psicológico mediado por tecnologia. **Brazilian Journal of Development**, v.6, n.3, p.9696-9708, 2020.

SEMEM, Cleiton; CARAMASCHI, Sandro. Concepção de sexo e sexualidade no ocidente: origem, história e atualidade. **Revista Barbarói**, n.49, p.166-189, 2017.

SILVA, Tatiane; MENDES, Delza. A contemporaneidade acerca da adolescência e a sexualidade. **Revista Psicologia e Saúde em Debate**, v.1, n.1, p.1-18, 2015.

SOUZA, Audrey. Re-visitando a latência: reflexões teórico-clínicas sobre os caminhos da sexualidade. **Psicologia USP**, v.25, n.2, p.155-161, 2014.

SOUZA, Bruno; MEGLHIORATTI, Fernanda. Uma reflexão a respeito dos conceitos de sexo biológico, identidade de gênero e identidade afetivo-sexual. Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2017.

STIVAL, Mariane; MARTINS, Nayla. O que é Feminismo? O progresso histórico dos movimentos feministas e a conquista de direitos pelas mulheres. **Revista Jurídica**, v.15, n.1, p.99-111, 2016.

TAQUETTE, Stella; RODRIGUES, Adriana. Experiências homossexuais de adolescentes: considerações para o atendimento em saúde. **Revista Comunicação Saúde Educação**, v.19, n.55, p.1181-1191, 2015.

TRONCO, Cristina; DELL'AGLIO, Débora. Caracterização do Comportamento Sexual de Adolescentes: Iniciação Sexual e Gênero. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v.5, n.2, p. 254-269, 2012.

VIEIRA, Érico; STENGEL, Mácia. Ambiguidades e Fragilidades nas Relações Amorosas na Pós-modernidade. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia**, v.2, n.13, 1-19, 2012.

VITALLE, Maria; QUIROGA, Fernando. O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. **Revista de Saúde Coletiva**, v.23, n.3, p.863-878, 2013.